



Terras
do Côa

da Malcata ao Reboredo

os valores do Côa

Ficha Técnica

Título

Terras do Côa / da Malcata ao Reboredo
Os Valores do Côa

Promotor e Editor

Estrela-Côa – Agência de Desenvolvimento Territorial da Guarda

Concepção e Coordenação

Parque Arqueológico Vale do Côa

Fotografia e Secretariado

Centro Nacional de Arte Rupestre

Edição co-financiada por

Programa de Desenvolvimento Integrado do Vale do Côa (PROCÔA)
Promoção do Potencial de Desenvolvimento Regional (PPDR)

Design Gráfico

José Luís Madeira

Execução

SerSilito - Empresa Gráfica, Lda./Maia

Tiragem

1500 exemplares

Depósito legal

124831/98

ISBN

972-97832-0-9

1998

Fotografia da capa

Gravura rupestre de 1944, Foz do Rego da Vide, Vale do Côa (CNART)

Terras do Côa Da Malcata ao Reboredo

COORDENAÇÃO:

Alexandra Cerveira Pinto S. Lima

FOTOGRAFIA:

Manuel Almeida

AUTORES:

ALEXANDRA CERVEIRA PINTO S. LIMA

Mestre em Arqueologia (Instituto de Conservação da Natureza, colaboradora do Parque Arqueológico Vale do Côa)

ANA MARGARIDA CARVALHEIRA

Mestre em História de Arte

ANTÓNIO FAUSTINO DE CARVALHO

Mestre em Pré-História e Arqueologia (Parque Arqueológico Vale do Côa)

ANTÓNIO MARTINHO BAPTISTA

Arqueólogo (Director do Centro Nacional de Arte Rupestre)

FERNANDO MAIA PINTO

Arquitecto (Director do Parque Arqueológico Vale do Côa)

FRANCISCO SANDE LEMOS

Doutorado em Pré-história e História da Antiguidade (Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho)

GASPAR MARTINS PEREIRA

Doutorado em História Contemporânea (Professor da Faculdade de Letras da Universidade do Porto; coordenador do Grupo de Estudos Históricos da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto - GEHVID)

GONÇALVES GUIMARÃES

Mestre em Arqueologia (Director da Casa Municipal de Cultura/Solar Condes de Resende, V.N.Gaia; assistente convidado da Universidade Portucalense Infante D. Henrique)

HELOÍSA SANTOS

Arqueóloga (investigadora do GEHVID)

ISABEL ALEXANDRA LOPES

Arqueóloga (Casa do Infante/Câmara Municipal do Porto; investigadora do GEHVID)

ISABEL MARIA FERNANDES

Bolseira de Doutoramento do Praxis XXI / Universidade do Minho

JORGE ARGÜELLO

Doutorado em História (pela Univ. de Oviedo) e bolseiro de pós-Doutoramento da *Fundación para el Fomento de la Investigación Científica Aplicada y Técnica del Principado de Asturias*

JORGE FORTUNA

Ecólogo (colaborador do Gabinete Municipal de Arqueologia e História da Câmara Municipal de Matosinhos)

LAURA CASTRO

Mestre em História de Arte (Departamento de Museus e Património da Câmara Municipal do Porto)

MARCOS OSÓRIO

Arqueólogo (Câmara Municipal do Sabugal)

MIGUEL AREOSA RODRIGUES

Mestre em Arqueologia (Instituto Português do Património Arquitectónico/Porto; investigador do GEHVID)

PAULA BARREIRA ABRANCHES

Arqueóloga (investigadora do GEHVID)

PAULO DORDIO

Mestre em Arqueologia (Casa do Infante/Câmara Municipal do Porto; investigador do GEHVID)

RICARDO TEIXEIRA

Mestre em Arqueologia (Casa do Infante/Câmara Municipal do Porto; investigador do GEHVID)

SUSANA COSME

Arqueóloga (Casa do Infante/Câmara Municipal do Porto; investigadora do GEHVID)

SUZANA FARO

Pós-Graduada em Museologia (Responsável pelo Museu da Indústria Têxtil, Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão)

THIERRY AUBRY

Doutorado em Arqueologia (pela Univ. de Bordéus) (Parque Arqueológico Vale do Côa)

Sumário

Introdução	7	CAPÍTULO III	
CAPÍTULO I		CONSTRUÇÃO E ESPAÇO SAGRADO:	
CENTROS DE POVOAMENTO:		UM PERCURSO PELA ARQUITECTURA RELIGIOSA	
UM PERCURSO PELAS VILAS MEDIEVAIS		Património Religioso Edificado e Arte Sacra.	
Notas de viagem pelas vilas do Riba Côa e algumas vilas no Riba Douro	15	Registo de ocorrências discretas	103
I – Quatro antigas vilas que guardavam o Douro:		<i>O Mosteiro Cisterciense de Santa Maria de Aguiar</i>	117
Freixo de Espada à Cinta, Mós, Urros e Alva	15		
II – No final do século XIII a aldeia de Torre de Moncorvo		CAPÍTULO IV	
substituiu a vila de Santa Cruz da Vilarça	18	SABERES TRADICIONAIS: O BARRO, O FERRO E A SEDA	
III – Vila nova do rei D. Dinis na foz do rio Côa	22	A Olaria	135
IV – Vila Velha de Numão - Um projecto de investigação		– A olaria de Felgar / Larinho	136
arqueológica em curso	24	– A olaria de Santa Comba / Barreira	137
V – Três Comendas Velhas da Ordem de Cristo:		A Olaria de Malhada Sorda	141
Longroiva, Muxagata e Meda	30	O trabalho do ferro	144
VI – Da «cidade» romana dos Aravi à vila medieval e moderna		Olhares sobre a seda nas terras do Côa	151
de Marialva	32		
VII – Da <i>penela</i> alto medieval de «Moraria» à vila fortificada		CAPÍTULO V	
de Moreira de Rei	36	TERRAS DO CÔA: DOMINANDO A PAISAGEM	
VIII – A vila de Trancoso onde D. Dinis festejou as bodas do casamento		Património Natural do Vale do Côa: uma abordagem	163
com D. Isabel de Aragão	38	Senhora do Castelo de Urros	166
IX – Castelo Melhor e Almendra: duas vilas do reino de Leão		Senhora do Castelo da Adeganha	168
que passaram a ser uma só no Reino de Portugal	41	Senhora dos Montes Ermos	170
X – A vila leonesa de Castelo Rodrigo, a vila portuguesa de Pinhel		Marialva	173
e o passo do Côa na Ponte Velha	43	Sabugal Velho	174
XI – A vila medieval de Almeida sob a praça militar de fronteira		Caria Talaia	176
dos séculos XVII e XVIII	51	Sortelha	178
XII – A vila leonesa de Castelo Bom, a vila portuguesa de			
Castelo Mendo e o passo do Côa no Porto de S. Miguel	55	CAPÍTULO VI	
XIII – Duas pontes do Côa no caminho entre três vilas leonesas		TERRAS DO BAIXO CÔA:	
e duas vilas portuguesas	59	PERCURSOS DA INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA	
		As gravuras, a beleza e a liberdade	183
CAPÍTULO II		O povoamento paleolítico da bacia do baixo Côa	184
O APROVEITAMENTO DE RECURSOS E A CONSTRUÇÃO		Do fim do Paleolítico à aquisição da Escrita no Baixo Côa	190
DA PAISAGEM: UM PERCURSO PELAS QUINTAS		A arte do Côa e Alto Douro e o Centro Nacional de Arte	
Apontamentos sobre a Vinha e o Vinho no Douro Superior	77	Rupestre (CNART)	196
O Côa, as quintas e o povoamento romano subjacente	85	Ler na Paisagem Contemporânea Paisagens Medievais e Modernas	202
– As Quintas	85	Das Escavações arqueológicas ao Museu de Sítio da Ervamoira:	
– Quintas, <i>villae</i> e povoamento em época romana	87	um programa global de investigação multidisciplinar	205
– Outras modalidades do povoamento romano	90	Projecto de Investigação Arqueológica do Território do Monte	
– Percursos	92	do Castelo (Almendra)	209



Capítulo IV

Saberes Tradicionais:
o barro, o ferro e a seda

Miguel Areosa Rodrigues
Isabel Maria Fernandes
Jorge Argüello
Suzana Faro

O TRABALHO DO FERRO

Aqueles que hoje visitam as terras transmontanas de que tratamos nestes texto estarão longe de imaginar que, por trás dos campos, vinhas, olivais e amendoais que configuram a paisagem, se encontram, ainda presentes, os restos de um passado industrial.

A imagem das actuais áreas industriais, constituídas por grandes estruturas edificadas com materiais que desafiam o passar do tempo, concorre para esta ideia de uma aparente inexistência de vestígios industriais em zonas rurais que, contudo, foram um dia um dos núcleos mais importantes da indústria metalúrgica de Portugal. No entanto, estes vestígios encontram-se em grande número, testemunhando uma indústria que dependeu, em grande medida, da existência de minas, de combustível e do trabalho de artesãos utilizando técnicas transmitidas de geração em geração ou chegadas, em momentos históricos concretos, de outras paragens.

Estes restos do passado mineiro-metalúrgico são observáveis através da presença de topónimos característicos, derivados da existência de mineração ou minas – Vieiros, Ferronho; de fornos, ferrarias ou lugares de transformação de metais – Vale de Ferreiros, Mazouco, talvez Maçores, Chapacunha; de restos derivados daquelas actividades – Escouradais, Escouradal, Escoira; ou da existência de capelas com invocações claramente mineiras, situadas sobre escoriais, como acontece no Felgar com a capela de Santa Bárbara do ano de 1745.

Cada um destes elementos permite aceder à fonte básica para entender a metalurgia histórica: a Arqueologia, cujos resultados possibilitam uma melhor compreensão da evolução da indústria metalúrgica e portanto da região em estudo.

Neste sentido, há que sublinhar a importância que teve, para a investigação e prospecção mineiro-metalúrgica desta área, o trabalho pioneiro de A. Vasco Rodrigues (RODRIGUES, 1962 e 1964) e, sobretudo, de Jorge Custódio e G. Monteiro de Barros com a sua obra *O ferro de Moncorvo e o seu aproveitamento através dos tempos* (CUSTÓDIO e BARROS, 1984) primeira e única aproximação global ao estudo da metalurgia histórica de Portugal.

Os restos mais antigos referentes à exploração das minas e transformação do mineral em metais na zona correspondem à época proto-histórica isto é, à época anterior à conquista romana, conhecendo-se a existência de uma metalurgia não férrea e de uma metalurgia do ferro, através da existência de objectos de cobre, bronze ou ferro achados em escavações arqueológicas.

Os primeiros testemunhos de uma metalurgia na zona, associada a estruturas de habitação, podem ser exemplificados pelo achado de depósitos de escórias no castro da Cidadonha (CUSTÓDIO e BARROS, 1984) que permitem indicar a existência de um aproveitamento dos depósitos de ferro – hematites – situados nas suas imediações, se bem que não seja possível associar directamente esta indústria a um período pré-romano ou a uma ocupação durante a época romana.

Foi precisamente durante o período de dominação romana que se produziu uma grande intensificação de trabalhos de mineração em todo o NW. peninsular, intensificação associada por um lado à extracção de metais preciosos – ouro e prata – e, por outro lado, ao cobre, estanho, chumbo e ferro, minerais abundantes na zona de que nos ocupamos. A actividade extractiva e transformadora romana conduziu também à chegada de novas técnicas mineiras e metalúrgicas. Na época pré-romana, os fornos eram escavados na terra, tinham paredes construídas com argila e a ventilação fazia-se mediante orifícios pelos quais se alimentava a combustão com ar procedente de foles de couro accionados manualmente. O elemento quiçá mais característico era o facto da câmara de combustão não ter saídas para a escória líquida, de maneira que os metais e a escória ficavam juntos no fundo do forno. Na época romana, pelo contrário, aparecem novos fornos nos quais a câmara de combustão é mais alta e dotada de saídas para a escória, que escorria para depósitos escavados nas imediações. Este avanço técnico foi muito importante para o desenvolvimento da indústria transformadora do ferro visto que, se bem que continuou sem poder ser obtido por fundição até à Época Moderna, pela incapacidade de se alcançarem temperaturas superiores aos 1530 graus, facilitou a sua obtenção através da redução de óxidos de ferro e posterior martelamento, por parte dos ferreiros, das massas obtidas nos fornos.

Conhece-se a existência, para o período romano, de lugares de transformação do ferro em zonas de Moncorvo como Barrais (Açoreira) onde foram achadas duas moedas romanas num escorial (CUSTÓDIO e BARROS, 1984), ou em Vale dos Ferreiros (Felgar), onde foram localizadas diversas estruturas correspondentes a uma estação metalúrgica de transformação de ferro.

Quiçá correspondessem a estas oficinas algumas das minas identificadas na zona. Destaca-se a presença de trincheiras com achados de ferramentas de ferro no lugar do Carvalhal, assim como de pequenas galerias no Cabeço da Mua com instrumentos mineiros e uma estatueta de bronze (RODRIGUES, 1962) que foram detectados durante a realização de trabalhos mineiros no século XX.

Juntamente com a existência destes lugares, datáveis de época romana, nos quais se transformava o mineral em metal, existiram outras oficinas na zona dedicadas ao fabrico ou conserto de objectos manufacturados, semelhantes às forjas de aldeia chegadas até à actualidade. Deste modo, poder-se-ia indicar a presença de pequenas oficinas de ferreiros como as de Rumansil I e Reigadas, associadas a vias romanas (COIXÃO, 1996).

As alterações produzidas durante a época tardo-romana deverão ter tido consequências muito diferentes para os habitantes da zona. Assim, se por um lado se constata o abandono dos grandes complexos mineiros e o desaparecimento do comércio a longa distância de minerais e metais, por outro lado a rurali-



Fig. 1 – Antigas instalações da Ferrominas

zação da sociedade conduziu sem dúvida a um aproveitamento das minas de ferro para a obtenção de ferramentas agrícolas.

Com os dados que temos na actualidade, não é possível avaliar o verdadeiro alcance da mineração e metalurgia desenvolvidas na época de transição entre o Baixo Império e a Idade Média, sobretudo por parte de povos como os suevos e visigodos. Contudo, os dados arqueológicos podem permitir, no futuro, uma melhor compreensão desta época, através do desenvolvimento da investigação e da realização de escavações arqueológicas como as realizadas nas imediações do Monte do Castelo em Almendra (COSME, 1997) onde se supõe a localização do bispado visigótico de Calábria. A identificação, no Olival dos Telhões/Aldeia Nova, no contexto daquele projecto de investigação, de uma área de ocupação de época tardo-romana/altomedieval, com uma importante produção metalúrgica de ferro, testemunhada pela grande concentração de escórias à superfície, pode permitir o acesso a novos dados

sobre a indústria altomedieval.

Durante o período medieval produzem-se algumas alterações de vulto entre as quais se destaca o emprego da energia hidráulica nas ferrarias, primeiro para mover os maços – pelo menos desde o século XI – e, já na baixa Idade Média, para mover os foles, facto que possibilitou um aumento da temperatura dos fornos. A baixa Idade Média, particularmente o século XV, é um momento de grandes alterações e do aparecimento de novas técnicas por todo o continente europeu, mudanças às quais não vai ficar alheia a área transmontana. A chegada à zona de mestres ferreiros procedentes da Biscaia, onde se tinha desenvolvido uma potente indústria metalúrgica, é apenas um exemplo da grande actividade industrial e da preocupação constante pela incorporação das novas técnicas.

Se bem que ainda não tenham sido realizadas, nesta zona, escavações arqueológicas em áreas industriais correspondentes à época medieval, a presença em escoriais de cerâmicas datáveis da Idade Média é indício da continuidade dos trabalhos metalúrgicos até à época baixo-medieval, momento em que já se têm numerosas referências documentais. Da mesma forma, escavações arqueológicas realizadas nos últimos anos em áreas de habitação de características distintas – castelos, vilas, igrejas – permitiram constatar a continuidade de trabalhos metalúrgicos muito diversos. Foram identificadas as estruturas e ferramentas de uma forja do século XIII, assim como de um forno de redução de ferro no sítio de Ervamoira (GUIMARÃES, 1997). Pelo seu lado, as escavações arqueológicas realizadas no castelo da Vila Velha de Numão (LOPES et al., 1997) permitiram identificar as estruturas correspondentes a um forno de fabrico de sinos pela técnica da cera perdida, datável da baixa Idade Média, que é prova da presença na zona de artesãos e de técnicas industriais evoluídas e semelhantes às de outros pontos da Europa.



Fig. 2 – Antigas instalações da Ferrominas

Através da documentação dos séculos XV e XVI, pode-se conhecer a existência na área de Moncorvo de diferentes oficinas relacionadas com a exploração do ferro. Tudo parece indicar tratar-se de uma fase de expansão na produção, na qual convivem antigos sistemas de trabalho com novas técnicas e oficinas. Deste modo, indicia-se a existência de uma metalurgia artesanal realizada pelos camponeses das aldeias que levavam depois os seus produtos, ferramentas ou lingotes, a vender ao mercado da vila de Moncorvo. Era uma metalurgia realizada com uma técnica semelhante àquela que fora utilizada na zona desde a época tardo-romana, tal como se pode observar na descrição feita pelo Dr. João de Barros em 1549 do trabalho metalúrgico na vila de Mós, referindo que as mulheres estavam dobando e fiando ao mesmo tempo que moviam «com os pés os folles enquanto os maridos fazem o ferro» (CUSTÓDIO e BARROS, 1984).

Conhece-se, por outro lado, a existência de uma metalurgia mais elaborada, através de documentos, também do século XV, que indicam, por exemplo, que moradores de Felgueiras trabalhavam em oficinas de tirar ferro, pertencentes à Coroa. Neste sentido, provavelmente alguns dos topónimos de aldeias próximas, como Maçores ou Mazouco, podem ter uma relação directa com a existência, nos ditos lugares, talvez desde a Idade Média, de maços para estirar o ferro movidos por energia hidráulica. Se bem que estas ferrarias, governadas por um dono de oficina e nas quais trabalhavam mais de 12 oficiais, como se indica em documento de 1443, contavam, provavelmente, com o uso da energia hidráulica para mover os maços desde época anterior, não sabemos, no estado actual dos conhecimentos, se se havia recorrido já no século XV ao emprego da água para mover os folles.

Desconhece-se qual era o número real destas ferrarias, muitas das quais devem corresponder, sem dúvida, aos numerosos escoriais, de diferentes épocas, encontrados no inventário realizado por J. Custódio e G. Monteiro de Barros. Nos tempos de D. João III, existiam na zona 50 forjas, mas a opacidade da documentação quanto às características destes estabelecimentos industriais impede uma maior aproximação à realidade da época.

Novamente é a Arqueologia que permite conhecer alguns aspectos de interesse. Através do estudo de J. Custódio pode-se identificar a existência de três grandes zonas, correspondentes às paróquias de Felgueiras, Felgar e Carviçais, do concelho de Moncorvo e do antigo concelho de Mós, com antecedentes minero-metalúrgicos pelo menos desde os séculos XV e XVI. A metalurgia dos séculos XVII e XVIII continuará a desenvolver-se nas ditas áreas se bem que, como indica J. Custódio, pareça existir um primeiro abandono no caso das do Felgar, que não ultrapassariam a primeira metade do século XVII. No que respeita às outras duas áreas, foram administradas em inícios do XVII por Manuel Cruz de Santiago que mandou construir dois fornos em Felgueiras e três em Carviçais, podendo ter desaparecido primeiro os de



Fig. 3 – Fábrica do Ferro da Chapa Cunha

Felgueiras e conhecendo-se a existência ainda em 1758 de duas fábricas em Carviçais, que usavam o ferro do Cabeço da Alva e o carvão vegetal da zona (CUSTÓDIO e BARROS, 1984).

Estes dados sobre as ferrarias são muito interessantes em confronto com os oferecidos pela prospecção realizada pelos citados autores. São, assim, de grande interesse os restos achados nos lugares de Lamelas (Felgar) Souto da Velha (Souto de Velha), Bouticas (Felgueiras) e Carviçais (Carviçais), que correspondem a um tipo de metalurgia não medieval, chegado provavelmente à região no século XVI ou talvez no XVII. Trata-se de oficinas que contavam com grandes fornos com chaminés construídas com pedra e cal que chegavam, como no caso de Souto da Velha (RODRIGUES, 1962), a ter cinco metros de diâmetro. Contudo, o elemento mais significativo para identificar a tecnologia destas estruturas anterior ao século XVIII, uma vez que na referida data parece que já não existiam as ferrarias de Felgar, é a presença de cadinhos de granito com restos de metal fundido; moldes que foram localizados nos lugares de Carviçais, Lamelas e quiçá em Bouticas, onde se menciona a existência de pedras de granito com restos de metais.

Como já foi referido anteriormente, durante o período medieval não foi possível obter ferro por fundição directa devido à incapacidade técnica de chegar à temperatura de fusão deste mineral. A presença de tais cadinhos em relação com os ditos fornos só poderia assim ser explicada pelo emprego de uma nova tecnologia que permitiu a obtenção de mineral fundido, talvez mediante o emprego de foles hidráulicos e o uso de fundentes, como a cal, nos fornos.

O último grande passo da metalurgia na região foi dado em 1781, com a tentativa de criação de uma moderna ferraria hidráulica na freguesia de Mós. Como muitas outras ferrarias da época baixo-medieval ou moderna, esta instalação industrial terá o nome de uma das suas componentes, a Chapacunha, ou açude na qual se iniciava a captação de águas no rio.

Tratava-se de uma ferraria moderna à qual chegava a água por uma levada, a partir de um açude situado no Vale da Salgueireda, até um depósito situado mais alto que a ferraria e desde o qual se lançava a água para mover as estruturas do maço e a ventilação dos fornos.

A água caía sobre uma roda que fazia girar um grande tronco de madeira em cujo extremo havia uma peça de ferro (buga) com quatro cabeças que, ao girar do tronco, percutiam ritmicamente sobre o extremo metálico do maço fazendo-o funcionar. O maço, propriamente, era um grande tronco que tinha na sua parte central uma peça de ferro que actuava como eixo apoiado, como um balançé, sobre uma estrutura de madeira. Mediante o rítmico golpear das cabeças da buga sobre o extremo do maço, convertia-se o movimento horizontal do tronco da roda num movimento vertical, ao balançar-se o maço, de maneira que o grande martelo pilão situado no outro extremo batesse sobre o ferro que era colocado numa bigorna.

No que respeita ao sistema de ventilação do forno é muito interessante verificar como se optou, inicialmente, pela mais moderna técnica existente na época, a chamada trompa catalã, composta, de facto, por um grande tubo pelo qual se fazia descer a grande velocidade a água, de maneira que empurrasse o ar nele comprimido para dentro do forno. Contudo, a inexperiência dos oficiais neste sistema, indica J. Custódio, levou à opção final pelo conhecido sistema dos foles de couro, movidos pela energia hidráulica

pelo mesmo método que o empregado no maço. Foi, indica igualmente o mesmo autor, a inexperiência dos oficiais galegos, contratados para se encarregarem da ferraria e a falta de apoios, o que conduziu aos maus resultados da ferraria, abandonada antes de 1825.

Chapa Cunha foi a última grande obra de transformação de ferro da zona. Posteriormente ao abandono da ferraria inicia-se uma época distinta, na qual o comércio a grande distância de metais tem um papel fundamental. Deste modo, iniciam-se as grandes explorações das minas de ferro e outros metais que serão enviados para transformação noutros países através do caminho-de-ferro e do rio Douro. O ferro do Reboredo, do Cabeço da Mua, do Carvalhal, o chumbo de minas como Ventozelo, passaram a ser explorados sem que esta extracção de mineral conduzisse ao desenvolvimento de uma potente indústria metalúrgica na zona. Desta forma, não obstante as várias tentativas de criar, em momentos distintos do século XIX, grandes altos fornos junto aos rios Douro ou Sabor, a falta de potencial económico, de apoio governamental e a inexistência de boas comunicações impediu, à semelhança do que sucedeu em outras zonas da Península como El Bierzo (Espanha), o desenvolvimento de uma grande indústria transformadora de metais.

Durante o presente século procedeu-se à grande exploração do ferro da região de Moncorvo através de diferentes empresas como a Companhia Mineira de Moncorvo, dependentes do grupo alemão Thyssen, assim como pela companhia Ferrominas, criada em 1951, após arrendar as concessões mineiras do Cabeço da Mua e Carvalhal, exploradas anteriormente por Schneider nos inícios do século. A evolução da empresa Ferrominas, narrada de maneira expressiva por G. de Barros (CUSTÓDIO e BARROS, 1984), é um testemunho que poderia servir como exemplo do fim de muitas outras minas europeias. A incorporação no mercado mundial do ferro das grandes minas americanas e africanas; o baixo teor de ferro do mineral local; as crescentes dificuldades económicas e a opção dos Estados pela compra do mineral estrangeiro, sem ter em conta a importância social da manutenção das minas em zonas que não contavam com outras indústrias, levariam finalmente ao abandono das explorações, depois da sua conversão em empresa pública em 1977. Actualmente, as ruínas das minas de Moncorvo são o mais claro e evidente vestígio de uma larga tradição industrial, um testemunho do passado e, também, um elemento do património cultural transmontano capaz de ser revalorizado e dignificado.

Neste sentido, reveste-se de especial interesse a junção de esforços realizada entre o Projecto Arqueológico da Região de Moncorvo e a Câmara Municipal de Torre de Moncorvo, com o objectivo de criar e desenvolver o Museu do Ferro e da Região de Moncorvo, com base na antiga colecção museológica da empresa Ferrominas, reunida por J. Custódio e G. Monteiro de Barros.



Fig. 4 –Carvalhal.
Bairro mineiro e mina a céu aberto

A importância dos restos arqueológicos conservados na região permitem-nos ser optimistas quanto ao desenvolvimento das investigações. A celebração, no ano de 1996, em Torre de Moncorvo, do Congresso sobre mineração e metalurgia do ferro. Da Antiguidade aos nossos dias, constituiu um primeiro passo para criar um ponto de encontro de investigadores que se debruçam sobre a metalurgia peninsular. Por outro lado, tanto o desenvolvimento do projecto do Museu, como a continuidade dos trabalhos de investigação arqueológica que se realizam na região do Alto Douro desde há vários anos, pode permitir a valorização dos restos minero-metalúrgicos.

Vestígios de actividade industrial, fonte de desenvolvimento da região no passado, que podem ser agora não só motivo de orgulho e satisfação para as populações locais, como também, novamente, pólos geradores de riqueza, através dos quais progredir no sentido de um desenvolvimento económico sustentado, inteligente, respeitoso para com o passado e com o Património Histórico de Portugal.

Jorge Argüello

Bibliografia

- COIXÃO 1996 COIXÃO, António Sá – Carta Arqueológica do Concelho de Vila Nova de Foz Côa. Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, 1996.
- COSME 1996 COSME, Susana – Aldeia Nova. Resultados de uma primeira sondagem. «Actas do Ciclo de Comunicações e Visitas. Foz Côa Ano 2000». A.C.D.R. de Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa (no prelo).
- CUSTÓDIO e BARROS 1984 CUSTÓDIO, Jorge; BARROS, G. Monteiro de – O ferro de Moncorvo e o seu aproveitamento através dos tempos. Ferrominas, 1984.
- GUIMARÃES 1997 GUIMARÃES, Gonçalves – Museu de Ervamoira. Guia do Visitante. Adriano Ramos Pinto (Vinhos) S.A. Vila Nova de Gaia, 1997.
- LOPES et al. 1997 LOPES, I. Alexandra; ABRANCHES, Paula; SANTOS, Heloísa dos – Vila Velha de Numão. Espaços religiosos. O exemplo da Capela de S. Pedro. «Segundas Jornadas de História Local e Regional». Vila Nova de Gaia, 1997 (no prelo).
- RODRIGUES 1962 RODRIGUES, A. Vasco; RODRIGUES, M^a Carqueja – Subsídios para o estudo das Ferrarias do Reboredo. Moncorvo. Porto, 1962.
- RODRIGUES 1964 RODRIGUES, A. Vasco – O problema das fundições romanas do ferro. Porto, 1964.